

# Fantasia Chilena

No centenário de nascimento de Pablo Neruda

*Francisco Carvalho*

Em seu cavalo branco  
de linhagem sarracena  
foi buscar a estreladalva  
pra namorada chilena.

Em seu cavalo negro  
de crinas alucinadas  
vai ao encontro do povo  
na esquina das madrugadas.

Em seu cavalo baio  
de crinas da cor do vento  
atravessou o arco-íris  
e as sete arcadas do tempo.

Em seu cavalo pálido  
de crinas dilaceradas  
escreveu canções de amor  
e as Odes Elementares.

Em seu cavalo vermelho  
que pasta as flores do antúrio  
convoca o povo do Chile  
para as núpcias do futuro.

Em seu cavalo fogo  
de crinas alvissareiras  
vai às aldeias e escreve  
versos à luz das fogueiras.

Em seu cavalo cinzento  
de patas zodiacais  
semeia trigo e centeio  
nas terras brancas da paz.

Em seu cavalo ferido  
pelas flechas dos relâmpagos  
espalha por toda a América  
o vinho e o pão de seus cânticos.

Em seu cavalo estradeiro  
celebrado em ode homérica  
expulsa os mitos que sugam  
as tetas magras da América.

Em seu cavalo ondulado  
como as encostas dos Andes  
percorre as terras da América  
pulverizadas de sangue.

Em seu cavalo orbital  
mais veloz do que o centauro  
ensina aos pobres da América  
o ofício da liberdade.

## II

Profeta dos cinco continentes, poeta radical  
cantor da água e do vento, do relâmpago e do coral.

Cantor dos rebanhos, das relvas, das ravinas  
e das verdes solidões da América Latina.

Cantor dos rios tutelares e das âncoras  
de pernas abertas, agasalhadas nos braços das angras.

Cantor das namoradas de seios insones  
como os olhos dos peixes espetados nas ondas.

Cantor do trigo e do azeite, das abelhas  
de negros esporões, dos potros de crinas vermelhas

e da respiração dos horizontes largos.  
Cantor das tardes de mel e dos sábados amargos.

Cantor dos deserdados da América. Cantor  
dos operários das minas de carvão. Do trabalhador

dos campos e das fábricas, cujos braços  
são foices para a ceifa de todos os cansaços.

Cantor das Odes Elementares. Cantor da  
memória que envelhece e da infância que transborda.

Cantor da humanidade desmoronada pelo mito  
e da Tentativa del Hombre Infinito.

Cantor da pedra pensativa e da falésia sem pluma  
onde o mar despenteia os cabelos de espuma.

Cantor dos mistérios e das palpitações todas  
do universo. Cantor do vinho e das bodas

dos pardais. Cantor da alma rarefeita  
dos caminhos e do pólen de ouro das asas da ceifa.

Cantor das vespas em núpcias nas alturas  
e do zumbido das cigarras nas espigas maduras.

Cantor do fogo, dos répteis, dos lagartos  
das salamandras, dos pássaros que anoitecem nos barcos.

Cantor de todas as lendas e todas as rotas  
percorridas pelos transatlânticos e pelas gaivotas.

Cantor do deslumbramento, dos desvarios  
das estações e das fanfarras dos estios

que semeiam visões na alma errante dos poetas.  
Cantor dos enigmas da noite, da infância dos planetas.

Cantor da argamassa e da areia. Puro  
tecelão do linho de que se urde o mito do futuro.

Cantor do tempo universal, da hora  
presente na carne e no permanente agora

dos homens. Cantor das nossas utopias  
e dos pobres sonhos que sonhamos todos os dias.

Cantor das nossas aspirações libertárias. Cantor  
da sensualidade e das metamorfoses do amor.

Cantor dos pirilampos e das borboletas arcaicas  
que pousam subitamente no sexo das vacas.

Cantor das palpitações mais secretas  
da alma. Cantor da eterna diáspora dos planetas

que gravitam no céu como num festim orgiaco.  
Cantor das doze parábolas do zodíaco.

Cantor do espírito ancestral das velhas casas  
que habita em nós como um ruflar de asas.

Cantor da serena majestade das coisas  
antigas. Cantor dos marujos e das noivas

de fronte coroadas. Cantor das madrugadas e do orvalho  
das ferramentas calejadas pelo trabalho.

Cantor dos pobres, dos desamados, dos ásperos  
gritos dos mortos comidos pelos pássaros.

Cantor dos terraços onde a lua sonolenta  
passeia devagar, arrastando a placenta

de cadela parida. Cantor das aldeias  
que erguem para o céu a tocha das candeias

para o rito dos mortos. Cantor das mariposas  
noturnas, que se despetalam como rosas.

Cantor dos galos empoleirados na dinastia da aurora  
do balir dos rebanhos pela eternidade afora.

Cantor das aranhas, que tecem teias de prata  
na memória dos velhos. Cantor da juventude intacta

dos heróis. Cantor da alma oblíqua dos bêbados  
que se embriagam de solidão e de lêvedo.

Cantor da montanha coroada pelo diadema  
de prata e cristal da interminável chuva chilena.

Cantor do cardo, das flores de exóticos aromas  
que se misturam no ar com as plumas das palomas.

Cantor do albatroz, do pensamento vário  
e das rotas estivais do crepusculário.

Cantor dos píncaros nevados onde as águias  
vão despejar seus ovos de calcário.

Cantor dos arroios onde os rebanhos  
lapidam as retinas de seus olhos castanhos.

Cantor das vidés e de seus racimos,  
dourados como as pálpebras dos meninos.

Cantor do balir dos rios e das cascatas  
que jorram dos mamilos das escarpas.

Cantor dos elementos, dos perdulários da noite,  
das lâminas do arado, dos caninos da foice.

Cantor dos trigais de plumas amarelas,  
dos seios que perfumam o cedro das janelas.

Cantor dos tigres, das raposas, dos leopardos  
e das pupilas de bronze dos lagartos.

Cantor dos sinos das marés e das aldeias  
a repicar para o noivado das baleias.

Cantor da fugacidade das primaveras,  
dos olhos e movimentos oblíquos das donzelas.

Cantor dos pobres de todas as Américas.  
Pastor das ovelhas e das cabras homéricas

que alimentam de sonho a prole dos bastardos.  
Cantor dos versos de papel rimados pelos bardos.

Meu verso coroado de espinhos te saúda.  
Profeta dos cinco continentes, poeta Pablo Neruda.